

Composições fotográficas das crianças sobre o papel dos adultos e participação infantil nas festas dedicadas a infância¹

Children's photographic compositions about the role of adults and child participation in parties dedicated to childhood

Ana Cristina Coll Delgado
Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Resumo

O presente artigo discute os resultados de uma pesquisa com crianças focalizando seus pontos de vista acerca do papel e atitudes dos adultos e da participação infantil nos festejos da Semana da Criança e São Cosme e São Damião. A análise com base nas fotografias e comentários das crianças possibilitou selecionar as principais categorias denominadas "composições fotográficas das crianças". Focaliza o papel e as atitudes dos adultos; consumo, diversão e abundância e a participação das crianças nas festas e na pesquisa abrangendo estética e autoria nas fotografias, amizades e conflitos entre crianças. De um lado, o território do lúdico, do alegórico e do simbólico aproxima crianças e adultos e há um espaço maior para a subversão e para a entrada dos desejos e desvios nas relações estabelecidas. De outro lado, aparecem sentimentos como medos, descontentamentos, conflitos e situações tensas vividas nas festas.

Palavras-chave: Infância. Crianças. Festas.

Abstract

This article discusses the results of a research about some children point of view about the adult's behavior and their participation in parties like Child's Week and Cosmas and Damian Saints. The analysis, based on photos and comments of children, turned possible to select the main categories and call them "children's photographic compositions". It focus the adult's role and attitude, consumption, fun and plentyspan and kid's participation in parties and in the research like esthetics and photo's authorship, friendship and kid's conflicts. In one hand the playful territory, allegorical and symbolic bring near children and adults, and there is a bigger space to subversion and more opportunity to desire and deflection in established relations. In the other hand, feelings like fear appear, as well displeasure, conflict and tense situations in the parties.

Keywords: Childhood. Kids. Parties.



Crianças como coprodutoras de dados e apostas no delineamento da investigação

No presente artigo, discutimos os resultados de uma investigação na qual focalizei o ponto de vista de 15 crianças acerca do papel e atitudes dos adultos e da participação infantil em festejos dedicados à infância e crianças. Observando atentamente os registros fotográficos das crianças, fomos construindo e problematizando o terreno. Elas se tornaram coprodutoras dos dados devolvendo seus pontos de vista sobre o tema investigado, por intermédio das suas composições fotográficas.

O interesse recaiu sobre como as crianças vivem sua participação nos festejos de São Cosme e São Damião e Semana da Criança e o que elas dizem acerca do papel e das atitudes dos adultos.

Algumas apostas iniciais contribuíram no direcionamento da investigação. A primeira delas é de que as crianças vivem e participam de outras festividades, seja no âmbito da vizinhança ou mais alargadamente nas ruas, embora estas não sejam conhecidas e comemoradas nas escolas infantis. A participação das crianças está, também, associada às suas condições de vida, às transformações familiares, sociais e econômicas. Cabe, ainda, referir que as crianças que vivem num mesmo bairro não partilham das mesmas experiências, tradições e condições de existência e os festejos não podem ser compreendidos como expressão de homogeneidade.

A segunda aposta é de que as crianças transgridem os papéis e atitudes esperados pelos adultos nas festas já que são atores sociais e expressam contentamentos e descontentamentos, com relação ao que os adultos permitem ou não permitem. Portanto, elas não constituem um grupo à parte que está fora dessas experiências. Embora os adultos imaginem que a participação delas está condicionada ao que eles imaginam e planejam nos festejos e que o papel delas é eminentemente passivo, as crianças não se limitam somente a receber presentes e guloseimas, ou fazer algo que agrade os adultos. Enfim, partimos do pressuposto de que elas vivem, fazem parte dos preparativos e modificam as festas, assim como são capazes de refletir sobre seus sentimentos e papéis fazendo “[...] um movimento de autoconhecimento através dos outros.” (ANDRADE, 2002, p. 19).



Logo, as crianças falam de diversas maneiras nas suas diferentes formas de expressão, sendo capazes de produzir saberes e conhecimentos sobre as festas, pois são portadoras de culturas infantis.

Quanto à terceira aposta, compreendemos que, nos momentos festivos, adultos e crianças estão mais próximos e em contato com o simbólico, com o imaginário e a fantasia. Isso de certa forma, possibilitaria que as crianças pequenas pudessem adquirir um papel mais ativo enquanto pesquisadoras da sua participação e das atitudes dos adultos, munidas das máquinas fotográficas.

Na visão de Itani (2003, p. 47-48), “[...] as festas subvertem o tempo cotidiano, como se este fosse substituído por um momento do alegórico, inclusive possibilitando a passagem do universo da monotonia da vida diária para o simbólico [...]”, pois adultos e crianças encontram-se mais próximos nesses momentos de transgressão e resistem “[...] à regulação da vida social.” (ITANI, 2003, p. 37).

Por último, as crianças estão expostas a um conjunto de decisões macropolíticas nacionais e internacionais como a globalização, que afeta o consumo, a massificação dos gostos e valores, interferindo, assim, nos festejos, bem como produzindo marcas no conhecimento delas. Enfim, as lógicas do mercado, da economia e do consumo influenciam a participação, atitudes, gostos, desejos e expectativas das crianças e adultos nos festejos dedicados à infância.

140

A entrada no terreno e o uso de metodologias visuais: as composições fotográficas das crianças

No processo de investigação, recorreremos aos estudos sócioantropológicos da infância (DELALANDE, 2008), focalizando o ponto de vista das crianças, suas experiências e culturas. Como explica Delalande (2009, p. 35), esse campo “[...] centra seu estudo nas crianças e suas ações, permite construir novos objetos de estudo atentos à experiência cotidiana das crianças e revisita antigos conceitos como os de socialização e cultura.” Neste sentido, o maior desafio na investigação foi o de fazer descobertas contextualizadas



focalizando as crianças, o que se passa entre elas, como elas negociam, interação, participam e protagonizam as festividades. (GRAUE & WALSH, 2003).

Brougère (2003) destaca que adultos e crianças não têm a mesma relação com a imagem, tampouco as mesmas referências culturais para interpretá-las. Por conta disso, a inclusão do ponto de vista das crianças na pesquisa significa valorizar seus conhecimentos, culturas e experiências com relação aos festejos da infância, bem como estar atenta “[...] ao pensamento reflexivo que elas manifestam sobre o processo investigativo.” (CHRISTENSEN & JAMES, 2005, p. 172).

Nessa entrada no terreno iniciou, em 2006, via acordos na Escola Infantil. Uma professora disponibilizou sua turma de maternal, na época com 15 crianças de três a quatro anos². Os acordos com as crianças e familiares iniciaram em março de 2007.

A escolha das festas para o registro fotográfico ocorreu após análise das primeiras entrevistas com desenhos nas casas das crianças e na escola infantil. Entre os anos de 2007 e 2008, as crianças produziram suas fotografias, mas nem todas participaram do processo com a mesma regularidade. Após estes registros, conversamos sobre as fotografias, nas suas casas e na escola infantil, com gravação das conversas e anotações em diários de campo. No final da pesquisa, as crianças receberam seus desenhos e as cópias reveladas das suas fotografias.

O material empírico foi assim estruturado: (1) Anotações em diários de campo; (2) Entrevistas conversadas com desenhos nas casas das crianças com a presença de um ou mais familiares; (3) Entrevistas conversadas com desenhos na Escola Infantil (criança acompanhada de um amigo); (4) Fotografias produzidas pelas crianças das festas de São Cosme e São Damião e Semana da Criança; (5) Entrevistas conversadas sobre as fotografias produzidas pelas crianças nas suas casas ou na Escola Infantil.

Na produção de criação com os pares dentro da Escola Infantil (geralmente na biblioteca cedida para nossos encontros), as crianças desenhavam debatendo com os amigos sobre as festas. Experimentar materiais e cores dialogando com um amigo tornou-se uma experiência significativa para elas.



A acolhida positiva das crianças referente ao uso das câmaras fotográficas³ está vinculada ao interesse delas pelas novas mídias, especialmente pelas tecnologias visuais (HERNÁNDEZ, 2007) e o que mais mobilizou o grupo, nessa primeira experiência, foi o empoderamento da máquina digital e a participação em uma atividade, geralmente, controlada pelos adultos.

As crianças manifestaram seus desejos, religiosidade, medos e impressões sobre as festas e os comportamentos dos adultos, acerca delas próprias, da natureza e do mundo. Seus registros fotográficos estão mediados por suas culturas e subjetividades. Elas registraram e documentaram as festas, observando o todo e os detalhes. Provavelmente, elas foram “[...] mais atraídas pela intensidade das suas experiências do que pela quantidade de fotos registradas.” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 95). A curiosidade, inquietação e abertura para o senso estético proporcionam uma interpretação das festas com sentimentos e imaginação, pois são crianças ativas, construtoras das festas, competentes e críticas para desenvolverem um pensamento reflexivo durante a investigação. Como reflete Barthes (1984), no fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa.

142

Metodologicamente, o recurso das fotografias apresenta uma vantagem: facilitar a expressão das crianças pequenas. Ao refletir sobre as imagens, Andrade (2002, p. 18) indica que elas são como “[...] observações estéticas e documentais da realidade e a fotografia e a etnografia podem contribuir entre si; como os processos de observação da ciência e da arte podem completar-se e não atritar-se.”

Concordando com Pais (2006, p. 64), podemos afirmar que as crianças se apropriam de uma forma de ver o mundo através “[...] das suas imagens captadas como a realidade dos seus modos de olhar, olhares que são formas de conhecimento.” Todavia, Christensen e James (2005) alertam que os comentários sobre fotografias, quando combinados com outros métodos, como a observação participante podem permitir a exploração de determinados assuntos com maior profundidade e fornecer uma espécie de triangulação metodológica.



Os desejos, emoções, desvios e pontos de vista das crianças

○ que deu sentido às análises foi capturar os desejos das crianças, suas pulsões, emoções e relações com outras crianças e adultos. Explicamos para as crianças e seus familiares que pretendíamos investigar as festas dedicadas à infância e crianças e saber o que se passa, “[...] pois esqueci muitas coisas que vivi, assim como muitas coisas mudaram com o passar dos anos.” (SIMON, 2006, p. 90).

Inspirada em Simon (2006, p. 91), entendemos que nos festejos “[...] as crianças não param de ter idéias e tentam encontrar cenários que funcionam, sobretudo para suas relações de pares e brincadeiras.” Dessa forma, a autora esclarece que “[...] as crianças estão prontas a mudar de ponto de vista a todo o momento, pois é a pulsão que as leva, elas são, a todo tempo, invadidas pela ambivalência, o que não entra no esquema de uma sociedade estruturada.” (SIMON, 2006, p. 93). Nesse sentido, as fotografias exprimem sentimentos sobre as pessoas, a natureza e o mundo, sendo também emoção e não apenas técnica.

A análise com base nas fotografias e nos comentários das crianças possibilitou selecionar as principais categorias que denominamos “composições fotográficas das crianças”. Danic (2006) apresenta contribuições significativas sobre a análise dos registros fotográficos das crianças. ○ que gostaríamos de destacar com base nas leituras dessa autora é que as categorias retidas foram aquelas que as crianças utilizaram para descrever suas fotos. Não houve uma hierarquização das fotos, e as perguntas possibilitaram que as crianças fossem falando sobre suas fotos preferidas, daquelas que não gostam, sobre o que elas apreciam nas festas e o que não apreciam. Com base nessas questões, deixamos fluir as conversas e fomos problematizando seus comentários.

○ total de fotografias produzidas pelas crianças foi de 129, sendo, assim, distribuídas: 60 fotografias da Festa de São Cosme e Damião e 69 fotografias da Semana da Criança. Realizamos nove entrevistas conversadas com fotografias na Escola Infantil e nas casas das crianças, totalizando cerca de 25 horas⁴.



Os bastidores da pesquisa: desafios, achados e caminhos percorridos

Ferreira (2002, p. 150) escreve que “[...] o processo de aceitação e o estabelecimento de relações de confiança entre investigador e crianças é desigual, plural e pode permanecer ambíguo.”

Desse modo, para a autora, as crianças também identificam “[...] nossos pressupostos adultocêntricos e constroem interpretações reflexivas acerca do nosso desempenho na investigação.” (FERREIRA, 2002, p. 150-151).

Do ponto de vista de Danic (2006, p. 162-163), “[...] dificilmente os pesquisadores expõem os bastidores de uma pesquisa, porque isto não é indispensável na apresentação dos resultados e seus erros seriam expostos.” Em face do que essas autoras analisam, gostaríamos de comentar, brevemente, alguns desafios, achados e caminhos percorridos no processo de pesquisa.

Nos primeiros contatos com o bairro, percebemos a necessidade de escutar os adultos, jovens e outras crianças que constituem suas parentelas, ou seja, as redes de ajuda mútua. (FONSECA, 1999).

Um outro dado significativo foi a presença de avós, madrinhas, vizinhos, primos e irmãos das crianças que, geralmente, acompanharam ou se manifestaram em relação ao desejo de participar das conversas. Provavelmente, a participação de outros grupos geracionais possa ser explicada pela curiosidade e o receio provocado pela presença de pessoas estranhas nas suas casas e no bairro.

Considerando a importância de que as crianças expressem seu próprio consentimento ou recusa em participar das pesquisas (ALDERSON, 2005), destacamos a recusa de algumas delas em participar das entrevistas. Leão não quisemos comentar sobre suas fotografias, e Gabriel também recusou conversar sobre as fotografias de São Cosme e São Damião e Festa na Igreja Universal. Principalmente nas suas casas e, algumas vezes, na Escola Infantil, eles pareciam intimidados pela situação de face a face. Danic (2006, p. 168) explica que algumas vezes “[...] as crianças se mostram aborrecidas frente ao pesquisador: elas sabem exprimir seu aborrecimento e encurtar a situação cessando toda cooperação (sinais de impaciência, gritos, respostas fantasiosas sem levar em conta a questão).”

Para exemplificar: Leão ficou assistindo a um desenho na TV e ignorou a nossa presença numa das visitas à sua casa. Gabriel me recebeu no portão,



mas ficou brincando com os primos, enquanto mostrávamos suas fotografias para sua avó e tias. Contudo, a maioria das crianças apreciou conversar sobre as fotografias e algumas prolongaram a entrevista, como Roberta. Ressalto, ainda, que algumas crianças justificaram suas fotos pelo fato de simplesmente gostarem, ou se interessarem por algo. Igualmente, em alguns casos, parte da motivação para escolher o que fotografar, não parecia consciente ou explicável para elas.

Outro achado que consideramos importante comentar diz respeito à admiração dos adultos frente às habilidades dos pequenos fotógrafos, o que indica certa desconfiança com relação à capacidade das crianças para manejar as câmaras e produzir boas fotografias.

Mãe: "Olha a perfeição das fotos!"; **Júlia:** "[...] é tão legal as fotos!"; **Vó:** "Ela sabe fotografar bem, viu?"; **Mãe:** "Claro. Eu tô pasma, como pode tirar tão bem!" (JÚLIA, 2007).

Por último, encontramos, também, dificuldades no estabelecimento de contatos com algumas crianças, devido às mudanças constantes de endereço geradas pela instabilidade social e econômica de seus grupos familiares. As desigualdades sociais e dilemas contemporâneos são indicadores das possibilidades ou limitações de participação das crianças nas festas e combinações estabelecidas.

As crianças focalizam o papel dos adultos, a participação e o consumo nos festejos da infância: análises das composições fotográficas

O dia 12 de outubro, inserido comemorações da Semana da Criança, e os festejos de São Cosme e São Damião/Ibejis são festejos dedicados às crianças e com datas muito próximas, embora as Escolas Infantis, de forma geral, desconheçam a participação das crianças nos terreiros/centros de Umbanda ou Candomblé⁵.

A Semana da Criança foi lembrada como uma comemoração importante na Escola Infantil e que conta com ampla participação das crianças. Assim, algumas perguntas nortearam o terreno: As crianças são consideradas



e escutadas nas festas? O que elas podem contar acerca da sua participação e das atitudes dos adultos?

Quando adultos se tornam crianças nos festejos de São Cosme e São Damião

Em contatos anteriores com a Escola Infantil, já havíamos observado que algumas famílias comemoram o Dia de São Cosme e São Damião oferecendo doces para as crianças como pagamento de suas promessas. No bairro, há centros de umbanda e igrejas domiciliares evangélicas e de outras congregações. Entre alguns membros da parentela de Antônia Brilha, foi dito que o Dia de São Cosme e São Damião é comemorado por quase todos os centros de umbanda, com distribuição de doces para as crianças.

Júlia, Antônia Brilha, Dedé, Roberta e Gabriel frequentam terreiros de Umbanda e outras igrejas (Gabriel fotografou as festas de São Cosme e São Damião e da Igreja Universal), o que denota o sincretismo cultural delas próprias e de seus familiares. Porém, esse sincretismo não é rígido ou cristalizado. (BASTIDE, 2002). Retomando essa afirmação de Bastide, imaginamos que esses cruzamentos não têm, apenas, motivos religiosos, pois há outras relações produzidas nas festas, tais como: redes familiares e de vizinhança de ajuda mútua, diversão, consumo e lazer.

Reiteramos que o trânsito entre diversas igrejas e congregações e a inserção dos adultos e crianças nos festejos da Umbanda constituem menos uma questão religiosa e teológica e mais uma estratégia dos grupos sociais que subentende uma maneira diferente de viver as religiões, do estabelecimento de outras relações sociais, como é o caso de famílias que frequentam igrejas e centros de umbanda (família de Gabriel), ou das famílias cujos membros dirigem centros de Umbanda e se dizem católicos (caso da família de Júlia, na qual a avó dirige um centro de umbanda). Geralmente, esses grupos familiares não dispõem de tempo e recursos econômicos para o lazer ou para o exercício de outras atividades sociais e culturais, portanto a participação nas festas religiosas constitui-se, também, em formas de lazer.

Adultos e crianças associaram festas como São Cosme e São Damião com consumo, mídia e presentes. Na família de Antônia Brilha, ainda que a mãe não possa acompanhar as crianças nos festejos, (ela desempregada



vivendo com bolsa-família e o marido preso) parentes ou vizinhos acompanham suas crianças nos festejos. Na conversa na casa de Antônia Brilha, adultos e crianças associaram os festejos de São Cosme e São Damião com consumo:

Mãe: “Eu fui com ela à festa de São Cosme e Damião. Eles distribuem doces para as crianças, tem gente que faz promessa e dá balas para 70 ou 100 crianças. **Pesquisadora:** “E o que vocês fazem na festa de São Cosme e São Damião?” **Wagner (irmão de Antônia Brilha):** “A gente brinca [...] jogam bala, jogam pirulito [...] tem baianas que jogam balas para cima [...] quem pegar é seu [...].” (ANTÔNIA BRILHA, 2007).

Bastide (1999, 2000, 2002) ressalta que, no Brasil, o calendário africano se adaptou ao calendário português, pois, para dançar, os negros eram obrigados a celebrar seus ritos em frente a um altar católico que lhes servia de máscara ou álibi. Cada identidade yorubá está ligada a um santo, e as festas africanas foram transportadas aos dias de aniversário dos santos, constituindo um sincretismo entre os orixás dos negros da Bahia e os santos da Igreja Católica.

A festa de São Cosme e São Damião acontece em 27 de setembro, sendo comemorada em diferentes lugares por católicos, umbandistas, candomblesistas e pessoas de outras religiões agregando diferentes classes sociais. É uma festa das crianças e estes são santos dos mais populares no Brasil, sendo venerados como os protetores das crianças e padroeiros dos médicos e farmacêuticos. O Culto a São Cosme e São Damião, de acordo com Bastide (2000), é de origem portuguesa e data do início da colonização lusa. A devoção aos santos passou rapidamente de Portugal ao Brasil, pois eles asseguram a alimentação, protegem dos perigos e dos contágios epidêmicos e foram úteis num país novo onde começava a agricultura, e os médicos eram raros. Para o autor, com a chegada dos escravos africanos, essa devoção se uniu ao culto dos gêmeos, em uma simbiose que se estreitou, sendo difícil distinguir, nos costumes populares, a parte propriamente africana, da europeia. (BASTIDE, 2000).

A pesquisa de campo nos levou a questionar por que as comemorações de São Cosme e São Damião não fazem parte do calendário de festividades da Escola Infantil, uma vez que há crianças que participam desses festejos também dedicados às crianças e à infância. Constatamos que as



experiências das crianças com o Candomblé ou terreiros de Umbanda dificilmente são aceitas nas escolas⁶.

Na escola Júlia levantou-se da cadeira com as mãos na cabeça e disse em voz alta: *'Ai, ai, ai!'*. A professora perguntou: *'O que foi Júlia? O que é isso?'*, e Júlia respondeu: *'Tô com dor de cabeça! Ontem eu bati lá na terreira!'* A professora falou em voz baixa: *'Que horror!'* (DIÁRIO DE CAMPO, 2007).

Nos festejos de São Cosme e São Damião/Ibejês, cinco crianças que participaram de diferentes terreiros fotografaram os adultos em transe, incorporando entidades identificadas como crianças, tomando mamadeira, usando chupetas, comendo doces, engatinhando e brincando. As crianças vivenciam e representam um universo social, muitas vezes, desconhecido das escolas infantis, focalizando as atitudes e comportamentos dos adultos.

Vários comentários foram feitos acerca dos adultos fotografados nesta festa. **Júlia:** *'Não tô sabendo! Tá de costas [...]*. O mesmo foi observado entre outras crianças como **Dedé:** *'Essa é das pes-soas'* e **Antônia Brilha:** *'Quem é?'*

Na foto da 'Mariazinha', nome da entidade incorporada por uma mulher **Roberta** observou: *'Ela é pequeninha e também chupa mamadeira.'* **Júlia:** *'São estes. Gostei dos bebezinhos e tudo.'* Perguntei se ela havia gostado de mais alguma coisa e Júlia respondeu: *'Dos Cosmes, eles são tão legais. Tomam mamadeira [...]*; **Dedé:** *'Aqui eu tirei e as mulheres me atrapalhando'*; **Pesquisadora:** *'E por que elas te atrapalharam?'* **Dedé:** *'Elas ficaram na minha frente.'* Antônia Brilha olhou as fotos e apontava para a *'mulher chupando bico'* que aparecia em algumas das fotos. Perguntei se ela sabia o porquê que a mulher estava chupando bico e ela respondeu *'Eu gostei dessa foto, é uma moça, ela é mulher e chupa bico, porque sim.'* (ENTREVISTA COM CRIANÇAS E DIÁRIO DE CAMPO, 2007).

Bastide (2002) observou, nas suas investigações, que os Ibejis podem descer e, nesse caso, a pessoa possuída é transformada em criança e ela chora ou ri por nada e se diverte com os jogos infantis. A cada transe novo, a figura do médium se transforma, a sua voz muda, ele pode ser velho ou jovem,



mulher ou homem, ou criança como nos festejos de São Cosme e São Damião. O orixá descerá cada vez que os tambores o chamarem nos cerimoniais e são os espíritos dos antigos escravos negros, ou antigos feiticeiros indígenas que descem nos corpos dos médiuns e que tomam o nome de 'aparelhos'. (BASTIDE, 1999).

Nas imagens capturadas pelas crianças, em que os adultos estão em transe e incorporam entidades identificadas como crianças, os sentimentos e as sensações etéreas (ANDRADE, 2002) revelados nas suas fotografias, provavelmente não expressariam a força das suas experiências e capacidade de observação, num texto escrito. As crianças fotografaram rituais, danças e o papel dos adultos porque costumam participar de Centros de Umbanda. Como já havíamos referido, elas vivenciam e representam um universo social, muitas vezes, desconhecido das escolas infantis.

Nesses festejos, o território do lúdico, do alegórico, do simbólico e da resistência aproxima crianças e adultos e esses momentos podem ser de brincadeira, e as crianças encontram maior oportunidade para viver suas culturas infantis. Constatamos que, nesses festejos, o contrato intergeracional encontra um espaço maior para a subversão, para a entrada dos desejos e desvios nas relações estabelecidas entre adultos e crianças, o que está presente nas suas fotografias. Adultos e crianças estão mais próximos em termos de comportamentos de resistência e não resignação ao que é rotineiro. Nesses festejos, há maior espaço para o imprevisto, numa relação forte com o consumo de doces e refrigerantes, o que também expressa uma relação de ambiguidade entre a abundância nas festas e a falta vivida no cotidiano dos meios populares.

As crianças fotografaram a fusão entre o profano (adultos incorporados como crianças, consumo de doces) e o sagrado (os altares com os santos, as guias e a cor branca das roupas).

Dedé: "Essa."; **Pesquisadora:** "Por quê?"; **Dedé:** "Por causa que tem essas coisas daqui." (estava se referindo ao altar do terreiro de Umbanda). (ENTREVISTA COM CRIANÇAS, 2007).

As crianças produziram, também, imagens dos seus familiares, geralmente figuras de referência nas festas. Os comentários se fixaram em detalhes e nas formas de participação desses adultos nos festejos. Alguns deles fizeram questão de aparecer nas fotografias, como o tio de Júlia:



A mãe de Júlia relatou que no dia da festa, o tio da menina, concedeu um tempo para que ela registrasse alguns momentos do ritual. Júlia preferiu sentar na frente para bater suas fotos. (DIÁRIO DE CAMPO, 2007).

Júlia: *"Olha a minha vó aqui ó! Saiu até meu tio! Ele queria sair na foto toda hora! É o vô. O que a minha tia tava fazendo? Levando o que nas mãos?"* **Avó de Júlia:** *"ah, um pacote de balas prá jogar prá crianças."* (JÚLIA, 2007).

Contudo, para algumas crianças, as festas têm outros sentidos que parecem estar além do prazer e deleite. Sentimentos e emoções como medos e descontentamentos com as atitudes dos adultos, também fazem parte dos seus olhares e impressões. Algumas fotografaram suas dificuldades e conflitos com os adultos e as situações tensas vividas nas festas.

Perguntei para Júlia, sobre o que ela não havia gostado na festa, e ela respondeu: *'Daquele preto [...] tem a foto.'* (aponta para a foto 22). Perguntei porque e ela respondeu: *'[...] eu não gosto de homem. Nem pensar! Ele se arrasta no chão e ele passa uma coisa no rosto das crianças (Júlia irritada faz o gesto passando uma das mãos no rosto.). Aquele velhinho. Jogaram uma agulhinha. Eu gostei que jogavam uma agulhinha nas crianças.'* Júlia continuava a repetir o gesto com as mãos e dizia *'Aquele hominho passou uma coisa no meu rosto [...]'*. Antônia Brilha mencionou que *'[...] as mulheres jogavam água na gente!'*. Sua mãe complementou dizendo que jogavam guaraná com a mamadeira nas crianças. (JÚLIA, 2007).

A estética e a autoria das crianças

A estética das fotografias e a autoria são elementos presentes nas análises das crianças, assim como as justificativas afetivas e imaginárias, ou ainda observações sobre as dificuldades encontradas pela presença dos adultos na frente de algo escolhido para fotografar. Para Sontag (2004, p. 14), as fotos são "[...] experiências capturadas e fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder." As crianças identificaram os autores das fotografias, fizeram observações sobre a estética das suas

fotos e se surpreenderam com suas produções, assim como separaram suas fotos das outras crianças.

Júlia: *"Bati direitinho as fotos. Essa aqui foi a Gabriela que bateu."* (JÚLIA, 2007).

Dedé: *"Essa daqui foi a Mama (sua prima). Essa daqui foi a Mama, essa fui eu, também eu. Essa eu não gostei."*; **Pesquisadora:** *"Por quê?"*; **Dedé:** *"Porque ela saiu errada. As pessoas ficaram na minha frente."* (ANTÔNIA BRILHA, 2007).

Pesquisadora: *"Por quê gostas dessa foto?"*; **Roberta:** *"Porque é da Jenifer! [...] Minha prima. Essa combina! Nessa a minha prima tá com o dedo na boca e nessa outra não."* (Roberta combinou duas fotos parecidas). (ROBERTA, 2007).

Nem sempre ser fotografada pelos pares ou adultos foi algo prazeroso para as crianças. Possivelmente, os familiares pediram que as crianças se deixassem fotografar para guardar uma lembrança. Em vários conjuntos de fotografias, observamos que as crianças foram fotografadas sozinhas, ou acompanhadas de amigos, pais, mães, avós ou tios.

Júlia: *"Aquela hora eu não queria sair na foto".* (JÚLIA, 2007).

Durante as conversas com as crianças constatamos que, em alguns casos, parte da motivação para escolher o que fotografar, não parecia consciente ou explicável para elas. Em sua investigação, Danic (2006, p. 177) encontrou casos de crianças que escolhem uma resposta, não sabendo verdadeiramente explicar o fundamento de sua ação, exprimindo regularmente respostas parecidas como as que encontramos: porque gosto, porque sim, porque não etc. Essas manifestações das crianças parecem compatíveis com o que escreve Barthes (1984, p. 34): "Eu via muito bem que estavam em questão movimentos de uma subjetividade fácil, que acaba logo, assim que a exprimimos: gosto/não gosto: qual de nós não têm sua tábua interior de gostos, desgostos, indiferenças?"

Pesquisadora: *"Por que gostas dessa foto?"* **Roberta:** *"Porque sim."*
Pesquisadora: *Quais são tuas fotos preferidas? Júlia apontou as de número 2, 18, 13 e 11 e complementou: "Só estas!"*. **Pesquisadora:** *Por quê?* **Júlia:** *"Porque é tão legal essas fotos. Todas eu gostei!"*. **Pesquisadora:** *Quais fotos preferes?* **Antônia Brilha:** *(mostrou a foto 11) "porque sim!"* (ENTREVISTA COM CRIANÇAS, 2007).



O dia 12 de outubro e a Semana da Criança: uma festa das crianças pensada pelos adultos

Os festejos da Semana da Criança são amplamente comemorados nas Escolas Infantis e em eventos promovidos no município. Mais do que “O dia da Criança”, as atividades ocupam uma semana ou um mês, com ampla divulgação no comércio, na mídia, e na organização de festas em variados espaços. As programações são diversificadas e há uma série de atividades que envolvem guloseimas, presentes, gincanas passeios e atrações. Contraditoriamente, essa comemoração dedicada à infância geralmente é planejada e pensada pelos adultos, o que reflete o controle e a regulação de uma festa que é das crianças, mas que é vivida mediante a presença, vigilância e organização dos adultos.

Como nem sempre existiu um dia próprio para a celebração das crianças, é importante compreender as condições históricas que possibilitaram o surgimento dessa data em nosso país. Com os processos de modernização da economia e da industrialização, o dia 12 de outubro passou, cada vez mais, a estar associado à indústria cultural e ao mercado de bens de consumo destinados às crianças. Em 1960, quando a Fábrica de Brinquedos Estrela fez uma promoção conjunta com a empresa Johnson & Johnson para lançar a “Semana do Bebê Robusto”, as comemorações do dia 12 de outubro passaram a integrar o calendário das festas comerciais, transformando a data em novo fetiche, verdadeiro espetáculo das mercadorias produzidas para educação e/ou entretenimento da infância. Em 1961, os fabricantes de brinquedos escolheram um único dia para a promoção e “ressuscitaram” o antigo Decreto de 1924. A partir daí, o dia 12 de outubro se transformou em uma data das mais importantes do ano para o setor de brinquedos e para a indústria especializada em produtos infantis. O feriado nacional foi decretado, em 1980, para homenagear a padroeira oficial do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Num total de 69 fotos produzidas pelas crianças nos eventos promovidos pela escola infantil, na apresentação de Roberta e seus familiares em outra escola infantil e na Festa da Igreja Universal fotografada por Gabriel, as crianças registraram sua participação nos festejos e na pesquisa.

Mesmo que as crianças não tenham sido as protagonistas do planejamento da Semana da Criança, elas participaram ativamente das



comemorações, bem como refletiram e manifestaram suas opiniões. Pinto (2002) enfatiza a necessidade de olharmos as crianças como agentes com capacidade reflexiva e, conscientes, em determinado grau, das condições e consequências da sua ação. O passeio ao Museu Oceanográfico que fez parte das comemorações promovidas pela Escola Infantil exemplifica como foi significativo, para elas, o registro das imagens da natureza, do ambiente e dos animais, assim como fica registrado, em alguns trechos de diários de campo, o seu papel como participantes ativas da pesquisa.

Cristian perguntou se poderia tirar uma foto dos ossos da baleia. Antônia Brilha pediu a máquina: *'Quero tirar foto do pinguim!'* Barbie que Voa também pediu a máquina para tirar fotos do leão marinho. Cristian tirou fotos do *'médico dos pinguins'*. Dedé pediu a máquina para bater fotos do leão marinho. Antônia Brilha pediu a máquina para tirar fotos dos peixes e das tartarugas do lago: *'Me dá a máquina! Eu quero tirar foto do peixe!'*. Leão pediu para tirar fotos do peixe com óculos e da motoca de andar no gelo. Foram as únicas fotos que ele quis bater. Ao longo do passeio, as crianças foram tirando fotos do que queriam e ultrapassaram o que havia sido estabelecido. Elas também ficaram encantadas com um lago artificial com vários pássaros se banhando. (DIÁRIO DE CAMPO, 2007).

[...]

Colocamos as fotos sobre a mesa, e logo Cristian começou a olhar. Barbie que Voa, em um primeiro momento apenas observava o que Cristian comentava sobre as fotos. *'São cavalos marinhos'; 'Ossos da baleia'; 'Os pinguins'; 'Há! A aguinha dos passarinhos!'*. Perguntei se havia alguma que ele não tivesse gostado muito, e ele mostrou a número 28 e falou: *'Essa não, não é de bichinho!'*. Perguntamos para Barbie que Voa de quais fotos ela havia gostado e ela escolheu as fotos número: 16. *'Muito legal essa! Passarinhos porque eu gosto!'; 'Marinho'. 'Tartarugas que vimos no museu'*. Ela continuou a olhar as fotografias restantes sobre a mesa e perguntou para nós se sabíamos onde estava a foto *'do osso'*. Nós a ajudamos a encontrar e ela falou: *'O osso da baleia!'*. Citou também como suas fotos preferidas as de número: 03. *'Eu tava pegando sol e por isso tava de olho fechado. 05 - 'Foi do peixinho!'* Perguntamos se tinha alguma que ela não havia gostado. Ela olhou novamente as fotos sobre a mesa e pegou nas mãos a de número 37. *'Não gostei, porque não tinha bichinho!'* *'Não*



gostei da foto dos passarinhos, porque não vi nada, só sujeira!
(ENTREVISTA COM CRIANÇAS, 2007).

Antônia Brilha: "Aqui é o pinguim."; **Barbie que Voa:** "O osso da baleia."; **Pesquisadora:** "O que tem nessa foto?"; **Antônia Brilha:** "Era uma coisa que se atira na água."; **Pesquisadora:** "Era o leão marinho?"; **Antônia Brilha:** "A comida que davam era peixe. Mais um osso da baleia!"; "Tinha uma tartaruga na água. Os passarinhos iam beber água. Eu gostei dos pinguins."; **Pesquisadora:** "Por quê?"; **Antônia Brilha:** "Porque é bonito!" (ENTREVISTA COM CRIANÇAS, 2007).

Abundância, diversão, consumo e prazer

O prazer de estar com as pessoas, bem como o prazer sensorial vivido no momento como comer um bolo ou tomar um refrigerante aparece como uma tentativa de captar a situação em todos os seus aspectos pelas crianças. Objetos significativos para elas, ou o que eles simbolizam nas festas também foram fotografados. Igualmente, elas justificaram suas fotos pelo fato de simplesmente gostarem, ou se interessarem por algo. (DANIC, 2006).

Roberta: "Eu tomei refrigerante e comi doce." (ROBERTA, 2007); **Antônia Brilha,** Na foto 1 falou: "algodão doce". Também disse que bateu as fotos de número 12 e a de número 7 que é "a do bolo!". Olhou para a foto número 8 e falou: "Estão comendo chocolate!". Gabriel chegou à sala contando que, no dia anterior, tinha ganhado um monte de balas e pirulitos. (ENTREVISTA COM CRIANÇAS E DIÁRIO DE CAMPO, 2007).

As representações de infância presentes nas comemorações da Semana da Criança estão associadas a diversão, consumo e prazer. Embora as crianças participantes da pesquisa tenham comentado ou registrado seus desejos de consumir brinquedos e diversões, a maioria delas enfrentava dificuldades econômicas como: desemprego dos pais, recomposições familiares e mudanças de endereço. Como explica Sarmiento (2004), a norma da infância tende, também, a exprimir-se na invasão dos cotidianos infantis de todo o mundo pela poderosa indústria de produtos para a infância, embora nem todas consigam realizar seus desejos de consumo.

"Roberta espalhou as fotos em cima da cama e falou: 'vou arrumar as fotos, está muito bagunçado.' Eu ganhei um carrinho no dia das crianças e



duas bonecas. A mãe, eu, a Julie, a mana e a minha dinda estamos vestidas de bonequinha. Porque tinha uma festa no colégio do Braian. O Braian roubou uma bolinha do colégio da Julie daquelas piscininhas.' **Pesquisadora:** 'E o que vocês fizeram lá na festa?'; **Roberta:** 'Brincamos de desfilar, brincamos daquela coisa de pular assim, das bolinhas. Brincamos de pular corda com as crianças. **Mãe:** 'Como tu te apresentou filha?'; **Roberta:** 'A mãe me ligou e eu dancei.'" (ENTREVISTA COM CRIANÇAS, 2007).

Perguntei se eles sabiam que esta é a semana em comemoração ao dia da criança. Barbie que Voa falou que sabia, e que iria ganhar uma Barbie de presente. Gabriel falou que iria ganhar um '[...] carro bem grandão.' (DIÁRIO DE CAMPO, 2007).

Analisando a relação entre a oferta no ato de receber presentes, Brougère (2003, p. 205) observa que existe a constituição de um laço entre as gerações, e o brinquedo ou jogo será o dom por excelência (MAUSS, 1950), um testemunho de amor às crianças, mas também a expressão de uma dependência. Por conta disso, na compreensão do autor, as crianças recebem sem verdadeiramente dar em troca, e o presente é um objeto social ambíguo, pois ele não é recíproco revelando uma relação assimétrica, ou seja, uma imagem de amor e poder.

Na contemporaneidade, observamos uma indústria de serviços e brinquedos criados para as crianças. Para Sarmento (2004), uma das características da contemporaneidade é o efeito homogeneizador do processo de globalização, com o investimento do marketing e da publicidade destinados ao público infantil. Essa indústria cultural influencia os festejos da Semana da Criança com os brinquedos criados para espaços fechados (cama elástica e piscina de bolinhas), balões, jogos, brinquedos, roupas, filmes, personagens de histórias infantis, entre outros.

Estudiosos da infância como Kincheloe (1997); Pinto (2002), Pinto & Sarmento (1999) e Sarmento (2004) têm observado que, nas sociedades contemporâneas, o mercado está mais atento aos modos de vida das crianças que hoje não estão ausentes das relações econômicas e são consumidoras em potencial.

Conforme salienta Brougère (2003), o marketing constrói sua rede de sedução com a ajuda dos elementos que ele absorve do mundo social (fabricantes, publicitários, mídia, distribuição em associação com crianças, pais e



outros adultos). Ele tece os elementos heterogêneos destinando-os a um público definido.

Gostaríamos, ainda, de destacar o que argumenta Steinberg (1997) acerca da educação, não apenas limitada à escola. Portanto bibliotecas, brinquedos, televisão, videogames, anúncios, constituem-se, também, como espaços pedagógicos. As grandes corporações produzem o que a autora chama de currículo cultural para as crianças, o que estaria a serviço dos interesses comerciais criando uma forte relação entre infância e consumo.

Antônia Brilha comentou com sua professora Patrícia: *'[...] ganhei aquele DVD de por DVD!'*. Patrícia perguntou de quem e ela respondeu: *'Do Beto, meu avô.'* *Saindo dali fomos para o pátio, onde foram montadas a cama elástica e a piscina de bolinhas. As crianças tiveram que fazer uma fila, e esperar sua vez para brincar. Eram três crianças de cada vez e ficavam em torno de cinco minutos em cada brinquedo. As crianças estavam impacientes e irritadas na fila, algumas gritavam 'eu quero subir!'*. Leão foi o único que não quis bater fotos, as outras crianças bateram. As crianças maiores queriam passar na frente dos menores. Depois de certo tempo, as crianças não queriam bater fotos, mas olhar as outras crianças brincarem. Depois que entravam na cama para pular, não queriam sair. Na sala, Patrícia encheu alguns balões e colocou um suporte de plástico em cada balão. Júlia viu e falou que nunca tinha visto balão preso em um canudinho e falou no meu ouvido: *'É prá nós levar prá casa.'* Realmente, após o almoço Patrícia deu um balão para cada criança. (DIÁRIO DE CAMPO, 2007).

Cristian: *"A gente brincando";* **Barbie que Voa:** *"As crianças no colchão";* **Antônia Brilha:** *"E aqui é a cama elástica.";* **Júlia:** *"Gostei da cama elástica também."* (ENTREVISTA COM CRIANÇAS, 2007).

Para Hernández (2007, p. 9), uma forma de narrativa poderosa no terreno educativo é aquela que tende à naturalização: *"[...] as coisas são como são e não podem ser pensadas de outra maneira."* No caso das festas e datas comemorativas, há uma forte naturalização na seleção do que é digno de reconhecimento e celebração. Na semana da criança, predomina o adultocentrismo e a naturalização dos modos de pensar a infância, como se as crianças não fossem capazes de fazer escolhas e julgamentos. As crianças não decidem com os adultos as formas de comemoração, embora a maioria delas



aprecie os passeios, os presentes, as guloseimas e as atividades de recreação, pois tais acontecimentos escapam das rotinas de educação infantil.

Curioso é que profissionais da educação que criticam as influências da mídia e do consumo nas vidas das crianças reforçam esse poder em festas como o dia da Criança, Natal e Páscoa, datas em que o apelo ao consumo infantil é especialmente incentivado. Um dado que não podemos ignorar, na compreensão das festas e comemorações dedicadas à infância e às crianças, é a importância da colonização do imaginário infantil pelo mercado e os produtos culturais para a infância na sociedade contemporânea. (SARMENTO, 2004). As crianças não produzem culturas num vácuo social, mas com seus pares e outros adultos, ou seja, elas sofrem inculcação de normas e valores, ao mesmo tempo que resistem e elaboram estratégias de empoderamento no percurso das festas e comemorações a elas dedicadas.

As amigas, estética e autoria das crianças

Além dos amigos/as, também aparecem as inimizades e as dificuldades existenciais de algumas crianças, principalmente com as do sexo oposto.

Roberta: "A Júlia e o Braian."; **Pesquisadora:** "Tem alguma que te desagradou?"; **Roberta:** "Essa! A do Matheus."; **Pesquisadora:** "E por quê?"; **Roberta:** "Porque ele estragou minha bicicleta". (ROBERTA, 2007).

Roberta: "A Julie."; **Pesquisadora:** "E quem é?"; **Roberta:** "É minha amiga: Eu gostei dessa!"; "Porque ela é minha amiga!" **Pesquisadora:** E estas? **Roberta:** "Porque são minhas amigas. Só que essa é a minha mana e essa é minha amiga. Antes eu não gostava dela, agora eu gosto."; **Pesquisadora:** "E porque tu não gostavas dela?" **Roberta:** "Porque ela puxava o meu pé e puxava o meu cabelo." (ROBERTA, 2007).

Cristian: "Leão, o cabeçudo"; "Gustavo"; "Irmão da Letícia"; "Leão"; "A amiga da outra sala"; **Júlia:** "A Antônia Brilha tá aqui?" **Barbie que Voa:** "Vem cá Antônia Brilha"; **Júlia:** "Aqui os meus colegas."; **Antônia Brilha:** "É o Vinicius"; "aqui é o Gustavo"; **Pesquisadora:** "Porque esta não te agradou?" **Júlia:** "Porque eu não gosto de meninos. Eu só gosto dos meninos que são meus colegas." (ENTREVISTA COM CRIANÇAS, 2007).

Quando as crianças não gostam das fotografias, geralmente suas justificativas estão associadas ao que elas concebem como belo e feio, incluindo



desde pequenos detalhes, até aos adultos que atrapalharam seus registros. Para Sontag (2004), o que move as pessoas a tirar fotos é descobrir algo belo e ninguém exclama: "Como isso é feio! Tenho de fotografá-lo". Mesmo se alguém o dissesse, significaria o seguinte: "Acho essa coisa feia [...] bela".

"*Olha aqui, saiu um pedacinho do vestido da minha mãe!*" (*Olha todas as fotos*) "*Essas eu não gostei!*"; **Pesquisadora:** "*Por quê?*"; **Roberta:** "*Porque não. Essa tá diferente, tem lacinho só aqui. Tiraram o lacinho dela.*" (*Risos*). (ROBERTA, 2007).

Dedé: "*Não gostei. Saiu errado, porque as pessoas ficavam na frente.*"; "*Foi o Leão*"; "*Fui eu*"; "*Fui eu*"; "*Não fui eu*" "*Fui eu que bati. Só as do museu que eu bati*" "*Ficou todo errado, é aqui do lado!*"; "*Foi a Mama*"; **Barbie que Voa:** "*Eu não gostei dessas coisinhas que tem aqui.*" (ENTREVISTA COM CRIANÇAS, 2007).

Pesquisadora: "*És tu nessa foto?*" **Roberta:** (Faz sinal com a cabeça que sim) **Roberta:** "*Eu e a Julie estamos de bonequinha!*" (ROBERTA, 2007).

Conclusões: as crianças potentes no trânsito entre as suas culturas e a cultura escolar

As crianças participaram dessa pesquisa como produtoras e autoras dos dados, pois observaram, fotografaram e analisaram suas composições fotográficas desmistificando a relação sacrosocial e de poder entre adultos investigadores e crianças como informantes passivos. O sincretismo religioso e a tolerância vivida pelas crianças e seus grupos familiares têm explicações não apenas religiosas, mas sociais e culturais abrangendo estratégias de sobrevivência e de trabalho, redes de vizinhança, consumo, diversão e lazer. Os resultados da pesquisa confirmam que as crianças podem e devem contribuir no sentido de tornar a escola potente como ambiente social, no qual circulam diferentes manifestações culturais.

A globalização e as questões contemporâneas nos desafiam a pensar sobre a constituição e organização da escola e suas mudanças. O que está em causa e debate é uma concepção de escola que pensava a infância de uma forma, uma escola planejada para um tipo de socialização em que as crianças eram compreendidas como objeto. As culturas da infância e a cultura escolar vivem um choque cultural com incidências geracionais distintas. Os



resultados da investigação indicam que as crianças podem e devem participar desse debate e das mudanças da escola.

As fotografias e vozes das crianças expressam as diferenças de suas histórias pessoais, das suas culturas e experiências e relações com seus contextos. As imagens e comentários das crianças nos surpreenderam, já que registraram seus desejos, prazeres, religiosidade, medos, sentimentos e impressões sobre as festas e os adultos, sobre elas mesmas, a natureza e o mundo. Suas fotografias estão mediadas por suas culturas e subjetividades. A curiosidade, inquietação e abertura para o senso estético proporcionaram uma interpretação das festas com sentimentos e imaginação. Convivemos com crianças reais, ativas, construtoras das festas, competentes e críticas para desenvolverem um pensamento reflexivo durante a investigação.

Percebemos o quanto sua participação nas festas foi facilitada ou inibida pelas condições econômicas e sociais, pelas ideologias, pelo nível de desenvolvimento social e o bemestar delas próprias e de seus familiares.

Metodologicamente, o recurso das fotografias apresentou uma vantagem: que foi facilitar a expressão das crianças pequenas. Concordamos com Andrade (2002, p. 18), que entende as imagens como observações estéticas e documentais da realidade. Presenciamos essas observações estéticas entre as crianças e elas também ensinaram que “[...] a fotografia e a etnografia podem contribuir entre si; como os processos de observação da ciência e da arte podem completar-se e não atritar-se.”

Em fim,, as crianças participam de comemorações que não gozam de tanto prestígio social e cultural quanto aquelas oficializadas pelo calendário escolar. Os mundos culturais das crianças, a regulação dos adultos, a participação das crianças nos festejos e seus movimentos de resistência são indicadores de que as escolas infantis precisam incluir, nas suas programações, as festas e culturas silenciadas das crianças e seus familiares, o que parece mais justo e democrático.

Notas

- 1 Esta pesquisa contou com apoio e financiamento CNPq Bolsa PQ2 & Bolsa PDE.
- 2 A escola infantil selecionada para a investigação é municipal e tem um histórico de parceria com a Universidade. Participaram da pesquisa 16 crianças (15 de três a quatro anos do maternal



e um menino de seis anos de uma turma pré-escolar). Todas as crianças foram convidadas a escolher codinomes para serem divulgados na apresentação dos resultados da pesquisa. Essa escolha geralmente aconteceu nas suas casas. Seis delas saíram da escola infantil e não puderam participar da etapa das fotografias. Na etapa das fotografias, participaram dez crianças: Barbie que Voa, Antônia Brilha, Gabriel, Dedé com seis anos (primo de Antônia Brilha), Cristian, Leão, Sadan, Cavalo, Roberta e Júlia. Roberta mais adiante trocou para o turno da tarde e quis continuar participando da pesquisa.

- 3 Utilizamos as seguintes máquinas fotográficas: uma câmara digital YASHICA – MY 300 Kyocera, 3.1 Mega Pixels – 8x Digital zoom; uma câmara analógica YASHICA – EZ Mate Data – Kyocera; quatro câmaras analógicas YASHICA – MF. 30, e filmes de 12, 24 e 30 poses, da marca Fujifilm ISO 200.
- 4 Durante a primeira etapa, realizamos dezesseis entrevistas conversadas com desenhos na Escola Infantil e nas casas das crianças, totalizando cerca de 30 horas.
- 5 Os estudos de Bastide (1999, 2000, 2002) são relevantes para compreender a participação das crianças nos terreiros de Umbanda. Professor de sociologia na USP de 1938 a 1953, Bastide tinha enorme interesse pela civilização brasileira se dedicando aos estudos do Candomblé e Umbanda, do norte ao Sul do Brasil. Com base nesses estudos, é possível compreender os deslocamentos dos santos católicos e africanos e as denominações de Festa de São Cosme e São Damião, dos Jumeaux/ Gêmeos, Ibejis (Brasil e Cuba) ou Érés. No Sul, Bastide encontrou duas espécies de transe infantis, a dos Érés e dos Ibejis. Para o autor (2002), Umbanda é a forma africana do espiritismo, que sofreu influências do Espiritismo de Alan Kardec no Brasil.
- 6 Nos bairros populares investigados, são mais frequentes às denominações terreiros ou centros de Umbanda.

Referências

ALDERSON, Priscilla. Crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação na metodologia da pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005. (Dossiê Sociologia da Infância: pesquisas com crianças).

ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia**. Olhares fora dentro. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ANTONIA Brilha. **Entrevista**. 2007.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASTIDE, Roger. **Brésil** – terre des contrastes. Paris: L'Hartmattan, 1999. (Première Édition: Hachette, 1957).



_____. **Le candomblé de Bahia** (Rite Nagô). Paris: Plon, 2000. (Première Édition – Brésil Plon Terre Humaine Mouton & Co, La Haye, 1958).

_____. **Poètes et dieux** – études afro – brésiliennes. Paris: L'Harmattan, 2002.

BROUGÈRE, Gilles. **Jouets et compagnie**. France: Éditions STOCK, 2003.

CHRISTENSEN, Pia & JAMES, Allison. **Investigação com crianças**. Perspectivas e práticas. Porto: Ediliber Editora de Publicações, Ltda, 2005.

DANIC, Isabelle; DELALANDE, Julie; RAYOU, Patrick. **Enquêter auprès d'enfants et de jeunes**. Objets, méthodes et terrains de recherche en sciences sociales. France: Collection Didact Éducation Presses Universitaires de Rennes, 2006. p. 162-192.

DELALANDE, Julie. **Enfance** (Socio – Anthropologie de l') par Julie Delalande. In: VAN ZANTEN, Agnès (Org.). Dictionnaire de l'éducation. Paris: PUF; Collection Quadrige, 2008. p. 246-251.

DELALANDE, Julie (Org.). **Des enfants entre eux**. Des jeux, des règles, des secrets. Paris: Éditions Autrement. Collection Mutations, 2009. (n. 253)

DIÁRIO de campo. 2007.

ENTREVISTA com crianças e diário de campo. 2007.

ENTREVISTA com crianças. Escola infantil, 23 out. 2007.

FERREIRA, Manuela. Os estranhos "sabores" da perplexidade numa etnografia com crianças em jardim de infância. In: CARIA, Telmo H. (Org.). **Experiência etnográfica em ciências sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

FONSECA, Cláudia. O abandono da razão: a descolonização dos discursos sobre a infância e a família. In: SOUSA, Edson Luiz André (Org.). **Psicanálise e colonização**. Leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1999.

Graue, Elisabeth; Walsh, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

JULIA. **Entrevista**. 2007.



KINCHELOE, Joe L. Mac Donald's, poder e criança: Ronald Mac Donald faz tudo por você. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1997.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre o dom**. Sociologia e Antropologia. Paris: PUF, 1950.

PAIS, José. Machado. **Nos rastros da solidão**. Deambulações Sociológicas. Porto: Âmbar, 2006.

PAIS, José. Machado; CARVALHO, Clara; GUSMÃO, Neusa Mendes de. (Org.). **O visual e o cotidiano**. Lisboa: ICS, 2008.

PINTO, Manuel. A televisão no quotidiano das crianças. **Educação Sociedade & Culturas**, Porto, n. 17, p. 226-228, 2002. (Resenha do livro: de M. Pinto A televisão no quotidiano das crianças. Porto: Edições Afrontamento, 2000).

PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel. Jacinto (Org.). **Saberes sobre as crianças**. Braga: Editora Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1999.

ROBERTA. **Entrevista**. Escola infantil, 30 out. 2007.

ROBERTA. **Entrevista**. Casa de Roberta, 30 out. 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Portugal, Asa Editores, 2004.

SIMON, Claire; DELALANDE, Julie. Enfants scénaristes, enfants acteurs sociaux: rencontre de deux regards sur la cour de récréation. **Revue Les Sciences de l'éducation: Pour l'ère nouvelle, Territoire des enfants**, Caen, v. 39, n. 2, p. 89-102, 2006.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luís Heron; AZEVEDO, Clóvis de Azevedo; DOS SANTOS, Edmilson (Org.). **Identidade social e construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997.



Profa. Dra. Ana Cristina Coll Delgado
Fundação Universidade Federal do Rio Grande |
FURG | Rio Grande | Rio Grande do Sul
Instituto de Educação
Grupo de Pesquisa Crianças, Infâncias e Culturas
E-mail | anacoll@uol.com.br

Recebido 26 maio 2010

Aceito 30 jun. 2010